

Homem Branco

Homem Negro

Jaime Rocha

JAIME ROCHA

HOMEM BRANCO
HOMEM NEGRO

Peça em dez quadros

Grande Prémio do Teatro Português 2004





Publicações Dom Quixote

Edifício Arcis
Rua Ivone Silva, n.º 6 – 2.º
1050-124 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Jaime Rocha, Sociedade Portuguesa de Autores, 2006

Capa: Atelier Henrique Cayatte com Rita Múrias

Revisão: Cristina Pereira

1.ª edição: Julho de 2006

Depósito legal n.º 245 253/06

Paginação: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-3188-0

PERSONAGENS

HB – HOMEM BRANCO
HN – HOMEM NEGRO

QUADRO I

Uma rua da cidade, à noite. HB cola cartazes numa parede, junto a uma discoteca. HN vai a passar, pára e lê.

HB – Com este vão mais de seiscentos cartazes. Já não posso com os braços e a cola está a acabar-se.

Pausa.

HB – Ninguém me obriga a fazer isto, faço porque quero. Nem recebo dinheiro por este trabalho. Não estou à espera de nada. É o mínimo que posso fazer para dar sentido a esta merda. Foda-se, já me caguei todo!

Pausa.

HB – Então o que me dizes?

HN – Não acho mal. Nem bem, nem mal. É um cartaz como os outros. Podia ser o de um concerto e ter ao lado o de um circo ou o de um candidato à Presidência. Não me afecta.

NB – Está bem, é um ponto de vista. Mas está bem colado, ao menos?

HN – Só quando estiver seco é que se pode dizer isso, normalmente enruga, vêem-se umas estrias ou fica com as pontas penduradas, mesmo a pedir para serem rasgadas.

HB – Rugas!... Estrias!... Pontas penduradas!... Estou a ver...

HN – Exacto.

HB – Pois.

HN – O mais certo é cair durante a noite, ficar aí pelo chão ao deus-dará, como um bocado de fruta.

HB – Não sei, é raro isso acontecer-me. Ponho muita farinha. Há para aí uma confusão qualquer. Esta cola sou eu que faço, com farinha e água. Não é cola de supermercado. Está aqui para durar uma eternidade.

HN – Nesse caso, desdigo o que disse. Pensei que era uma cola dessas do supermercado. Já vi colegas seus a colar cartazes horas a fio, o cartaz a descolar-se com o vento assim que é colocado e eles a insistirem. Mas isso são firmas.

HB – Claro, se eu pertencesse a uma firma não falava deste modo. Agora está melhor, penso eu, já lhe dei uma demão. O problema é a luz. Esta rua não é das melhores para colar cartazes, é escura.

HN – Porque é que não cola ali mais abaixo, há mais luz, lê-se melhor.

HB – Mas é aqui que está a discoteca. É aqui que eles se encostam a fumar.

HN – Se fosse a si colava ali em baixo, porque é lá que eles vão mijar. E quando mijam olham para a parede. Nesse momento liam e o trabalho fazia sentido. Agora aqui, não me parece.

HB – Mijam?

HN – Sim, junto àquele contentor.

HB – Sim, está bem, mas eu não posso pôr um cartaz destes ao pé de um contentor, com aquele cheiro a porcaria. Um cartaz não é um edital, não é um papel qualquer de jornal, não é um cartucho. Um cartaz é... uma coisa diferente... um momento único do dia... uma mensagem, não pode ser confundido com um simples minuto em que se olha enquanto se dá uma mijadela. Este cartaz é toda a história da humanidade, está aqui uma luta.

HN – É possível.

HB – Você sabe ler, presumo...

HN – Claro que sei ler, não percebo a pergunta.

HB – Estou a perguntar, porque como não fizeste comentários ao assunto do cartaz!

HN – Não, não fiz.

HB – Achas que eu fiz a pergunta por seres negro? Eu fá-la-ia a qualquer pessoa.

HN – Não achei nada, apenas me surpreendeu a pergunta.

HB – Há muita gente que não sabe ler.

HN – É evidente.

HB – Mas pensaste que eu não faria a pergunta por seres negro, o que poderia significar que é um tique racista.

HN – Não pensei em nada.

HB – Se eu fosse racista, diria: se soubesses ler, verias que é aqui junto à discoteca que se deve colar o cartaz e não ao lado do contentor onde as pessoas vão mijar. Não há uma relação entre as duas coisas. Isso sim, é um pensamento racista. As coisas dos negros devem ser colocadas junto aos mijatórios. Isso sim. (*Toca na parede.*) Olha agora, direitinho como uma prancha, é preciso saber colar cartazes ou então não andamos cá a fazer nada. Eu sou contabilista numa empresa de correias de bicicleta, trabalho oito horas e levo hora e meia a chegar a casa. Cinco dias por semana e a manhã de sábado. Sabes o que significa uma mesa cheia de facturas, um computador, uns carimbos, uns cliques, uma máquina de calcular e uma data de dossiês?

HN – Também sei. Não trabalho só com cimento e água. À noite oriento um bar. É um biscate.

Pausa.

HB – Este cartaz ainda vai dar muito que falar. Mas, o que fazes aqui?

HN – Nada.

HB – Nada?

HN – Absolutamente nada.

HB – Vais à discoteca.

HN – Odeio discotecas.

HB – Moras aqui perto?

HN – Não. Melhor, talvez.

HB – Talvez!

HN – É provável.

HB – Provável...

HN – Sim.

Silêncio.

HB (*admirando o cartaz*) – Agora é que está mesmo bom.

HN – Bem colado.

HB – E o que dizes a isto?

HN – A quê?

HB – Àquilo que lá está escrito.

HN – Não me parece mal.

HB – Não me parece mal... esta agora está boa!... não me parece mal... é só isso que tens para dizer?

HN – Apenas isso.

HB – Tu és negro, presumo!

HN – É o que parece.

HB – És negro, pronto, podias ser mulato, cabrito, preto mesmo, dos mais escuros. Mas vamos lá, és negro, tanto faz que sejas de África do Sul como do Norte, como da América, tanto faz...

HN – Sou português.

HB – Sim, mas descendente de africanos.

HN – Os meus pais já nasceram cá, são portugueses.

HB – Mas os teus avós...

HN – Não sei, um veio de França, nasceu lá.

HB – Está bem, mas os teus bisavós...

HN – Não sei.

HB – *Okey*, correcto, mas o que eu quero dizer é que tu és negro, tens a pele dessa cor.

HN – Cor preta.

HB – Sim, és negro.

HN – Pelo menos é o que parece.

HB – Pronto, és negro. Agora olha para o cartaz. O que é que lá diz?

HN – «Pelas minorias, contra o racismo.»

HB – E então?

HN – Então o quê?

HB – Não tens nenhum comentário a fazer?

HN – Não.

HB – Achas bem, ao menos?

HN – Não acho mal.

HN começa a andar.

HB – Vais-te embora?

HN – Vou.

HB – Assim, sem mais nem menos, sem falares sobre o cartaz?

HN – É um tema que não me diz nada.

HB fica de boca aberta, sozinho, a contemplar o cartaz.

HB – Porra!... Um tema que não me diz nada!... Com esta é que ele me lixou...Um tema que não me diz nada!

HOMEM BRANCO HOMEM NEGRO

*Estreou no Teatro Aberto de Lisboa em Agosto de 2005
com encenação de João Lourenço e dramaturgia
de Vera San Payo de Lemos.*

Foram intérpretes:

*António Cordeiro
(Homem Branco)*

*Carlos Paca
(Homem Negro)*

*Cenário:
João Lourenço*

*Música:
Alexandre Manaia e Rui Melo*

*Figurinos:
Vera San Payo de Lemos*

*Desenho de luz:
João Lourenço e Melim Teixeira*